

O processo migratório dos trabalhadores rurais do município de São Braz do Piauí para São Paulo e Mato Grosso (2000 – 2011)

Diana Almeida Soares Lopes¹

Neste estudo, sobre os trabalhadores rurais e o processo migratório da população do município de São Braz do Piauí, se propõe compreender os agentes motivadores que levam a população deste município a possuir um ciclo migratório intenso para os estados de São Paulo e Mato Grosso. Foram utilizados como fontes fundamentais os relatos memorialísticos, fazendo da história oral metodologia central para a pesquisa. Por meio desse viés teórico-metodológico também observamos as representações que os indivíduos fazem da cidade de São Braz, atribuindo à mesma a caracterização de uma “cidade de migrantes”, sendo que em um período sazonal, verão, ficam somente os idosos, mulheres e crianças, pois os homens mais jovens, e aptos ao trabalho árduo, viajam para outros locais em busca de emprego.

A cidade de São Braz possui uma população voltada para o trabalho no campo em virtude da falta de emprego presente em seu domínio urbano. De certo modo, a população – trabalhadores – por vezes imprime suas mais amplas expectativas na migração, no entanto, acabam digerir o sentimento de frustração ao não conseguirem se realizar ou mesmo adquirir um padrão de vida razoável que compensasse o esforço de trabalhar como cortadores de cana, sendo esta uma atividade de difícil manuseio – pela pouca segurança ofertada e por não cobrir os direitos trabalhistas competentes à quem exerce tal atividade.

Boa parte dos trabalhadores de São Braz, que compõe esse fluxo migratório, são alicerces de família. Eles viajam para explorar os canaviais do centro e sudeste do país, deixando casa, filhos e esposa, uma vez que não encontram oportunidades de manter o sustento da família com o que lhes é oferecido no município. No decorrer dos anos, a cidade, aos poucos, adquire certa melhora em sua estrutura urbana, visando maior acolhida à população, que aumenta no inverno e esvazia no verão, em virtude do exercício migratório. De acordo com as informações do censo de 2010, oferecidos pelo IBGE, São Braz do Piauí

¹Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campos Ariston Dias Lima, São Raimundo Nonato PI.

tornou-se município no início da década de noventa, em 1992. Está localizada a 553 km da capital do Piauí, Teresina, sua população é de 4.313 habitantes.

O exercício migratório no município demonstra ser um fenômeno histórico constituído de uma extensa tradição. Contudo, os agentes motivadores atuais são distintos dos agentes pelos quais os homens da região migravam no passado. Na década de setenta, por exemplo, ocorreu um processo migratório em massa devido a grande seca. Neste período o governo chegou a criar frentes de trabalho nas localidades para dar emprego aos trabalhadores que passavam necessidade, porque a lavoura, da qual os homens retiravam seu sustento, não produzia, devido à grande seca no sertão nordestino. O fato é que o governo federal na época buscou apenas alternativas para equacionar tal situação. Contudo, as ações adotadas sempre se concentraram em amenizar a situação dos flagelados pela seca e, raramente, em medidas que evitassem as pessoas e regiões sofrerem os efeitos sociais desta intempérie climática.

No desenvolvimento da análise, o trabalho monográfico que originou esta produção textual, foi sistematizado em três capítulos. No capítulo I, intitulado de “História e memória dos trabalhadores rurais de São Braz do Piauí”, se propõe discutir a proposta geral da pesquisa: a migração dos trabalhadores rurais do município de São Braz do Piauí, e dos povoados vizinhos, nos anos de 2000 a 2011. Nele, também se procura abordar os problemas envolvendo a população desta região, que, eventualmente, migram todos os anos para trabalhar nos canaviais do centro e sudeste do Brasil, para sustentar suas famílias com a renda do trabalho no corte de cana- de- açúcar.

Dentro desta perspectiva, a pesquisa procurou realizar discussão que possibilitasse maior compreensão acerca das narrativas que retratam as experiências dos personagens que vivenciam – direta e indiretamente – os impactos e transformações do processo migratório. Narrativas essas que retratam histórias que, ao longo do tempo, são esquecidas ou mesmo desconhecidas pela maior parte da população local. A apropriação da história oral então foi percebida como um meio pelo qual o sujeito vive e também pode, através dos relatos pessoais, compartilhar sua história de vida, pois “uma das principais vantagens da história oral deriva justamente do fascínio do vivido. A experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto, sendo, por isso, atraente na divulgação do conhecimento”. (VELHO, 1981, p. 22).

As histórias de vida dos migrantes relatam problemas enfrentados pelos mesmos enquanto trabalhadores rurais. Os deslocamentos vêm ocorrendo, com significativa frequência, devido a uma série de fatores que esses experimentam sem visualizarem qualquer

forma de reversão desse difícil quadro com os recursos que lhes são oferecidos no âmbito local. A seca, a pouca oferta de emprego, problemas sociais, estagnação econômica devido à falta da produção agrícola (decréscimo que acarretou um atrofiamento no processo de desenvolvimento econômico na última década) são os fatores que caracterizam diretamente as dificuldades presentes em suas realidades.

No capítulo II, intitulado de “A migração em vários períodos da história” abordamos a história de vida dos trabalhadores locais, que atuam como cortadores de cana-de-açúcar, que contribuíram com determinadas informações através de entrevistas. Desse modo, foi possível conhecer um pouco da realidade do cotidiano de trabalho em meio à lavoura canavieira, e como as viagens e os preparativos para esta empreitada ocorrem todos os anos. Dentre outros aspectos, foi possível ter conhecimento dos problemas enfrentados pelos migrantes no que se refere aos meios de transportes que os mesmos utilizam para seguirem em viagem às regiões de São Paulo e Mato Grosso a caminho das lavouras de cana-de-açúcar. Os depoimentos dos trabalhadores revelam que a maioria deles viaja em transportes clandestinos, em precárias condições, no intuito de economizar dinheiro na compra da passagem. Boa parte da população e das famílias ligadas a esses trabalhadores recebem, e tem como renda única, benefícios do governo federal, como bolsa família e seguro safra, outro tipo de renda somente dos aposentados e comerciantes locais.

No capítulo III, intitulado “O trabalho escravo no período da colonização do Brasil e os traços que ainda podemos perceber nos dias atuais”, se procurou relacionar as questões que estão associadas com o trabalho nos canaviais no período da escravidão no Brasil, e que, infelizmente, em pleno século XXI, ainda se percebe traços daqueles sujeitos do passado, observando alguns resquícios junto aos trabalhadores de hoje em sua rotina laboral, principalmente no estado de Mato Grosso, onde o exercício de exploração se demonstrou mais latente, o qual, devido às pressões do sindicato, acarretou a intervenção de determinados órgãos de apoio aos trabalhadores para que ocorressem mudanças relacionadas à diminuição da carga horária dos cortadores de cana, reivindicação essa conquistada nesta última década.

A história dos cortadores de cana que se deslocam do extremo sul Piauí em busca de oportunidades de trabalho revela um perfil de sujeitos que não medem esforços e não tem medo de buscarem oportunidades de emprego, nas mais distantes estâncias. Em suas incursões acabam por aceitar todo tipo de serviço quando chegam às usinas. Podemos perceber no depoimento dos entrevistados, que muitos se tornavam andarilhos que viviam na busca de novos lugares para trabalhar, pois, segundo suas narrativas, muitos eram os lugares

em que sofriam maus tratos, principalmente no que se refere alimentação e moradia, pois as condições não eram boas, muitas vezes totalmente precárias.

Observa-se, em torno das falas, que suas vidas são descritas verdadeiros desafios, uma vez que se ariscam ao viajar para estados, como São Paulo e Mato Grosso – terras distantes, enfrentando todo tipo de sorte possível por um único objetivo: melhorar suas situações de vida, como homens simples, em busca de uma condição mais próspera. Contudo, os trabalhadores estão caracterizando seus deslocamentos, neste último decênio, como “década da ilusão”, no qual não se ganha quase nada, somente “muita dor nas costas”, pois os problemas de saúde são uma constante na vida dos cortadores de cana desta última década.

Os problemas de saúde surgem com intenso desgaste na rotina de trabalho. Ao trabalhar em excesso e ter pouco descanso, a condição do trabalhador rural geralmente “descuida” de sua saúde, mitos deles são trabalhadores jovens, mas, infelizmente, já apresentam certo acúmulo de enfermidades. Todavia, os casos mais delicados são daqueles que fracassam ao não conseguirem qualquer atividade em suas investidas na lavoura canavieira, pois há registros de casos de pessoas que migram e não conseguem trabalho, e muitas vezes só vem embora porque os pais, amigos ou parentes arrumam dinheiro e mandam buscá-los, fato vivenciado, por personagens que vivem nas localidades visitadas durante a realização da pesquisa.

A importância desta pesquisa se evidencia pelo fato de tratar-se da trajetória pessoas simples, de suma importância para chegar à conclusão desta pesquisa, que ao longo de suas histórias e relatos de memória vivida nos canaviais, nos demonstra o quanto os trabalhadores rurais sofreram com as dificuldades em suas viagens, e também no exercício de trabalho em meio aos canaviais, espaço esse o qual os mesmos associam como um lugar de muito sofrimento ao ponto de muitos trabalhadores dizerem, com suas palavras, que queriam esquecer, mas nem sempre é possível, pois precisam de emprego e não vêem outra saída.

Considerando a migração como um problema social e econômico, decorrente dos fatores já citados, cabe ao município e o estado, atuarem juntos em defesa dos trabalhadores da região, que encabeçam em tal investida, para que um dia a sociedade de São Braz possa viver melhor, tendo pelo menos o direito de permanecer perto de sua família.

REFERÊNCIAS

1. Principais obras consultadas para a pesquisa

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino de problema a solução (1877-1922)**. Campinas, 1988.
- BASSANEZE, Carla Pinsky. **O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa**. Fontes Históricas. Rio de Janeiro: Editora Contexto. 2º edição 2006.
- CARMO, Paulo Sergio do. **História e ética do trabalho no Brasil**. São Paulo: Moderna, 1998.
- DOMINGOS, Manoel Neto. **Seca Secularum: flagelo e mito na economia rural Piauiense**. Teresina: Fundação CEPRO.1987.
- GOMES, Ângela Castro. **A invenção do trabalhismo**. São Paulo: Vértice. 1988.
- JANNUZZI, Paulo de Martino. **Migração e Mobilidade Social: Migrantes no mercado de trabalho Paulista**. Campinas: Autores Associados. 2000.
- LANDIM, Rogério de Sousa Paes. **Desaparecimento da Cultura das Rodas de São Gonçalo no Município de São Braz do Piauí**. São Raimundo Nonato-PI, Julho de 2009.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- LOPES, Juarez Brandão. Sociólogo. In: Luiz Vernek. **Liberalismo e sindicato no Brasil**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1976.
- LIMA, Francisco Oliveira. **Elegia para uma religião**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1977.
- MARQUES, Elimária Costa e BRANDIM, Viviam de Aquino Silva. In: **Labirintos de Clio: Práticas de pesquisa em história**. Fortaleza: Edições UFC. 2009.
- POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v.2, n.3. 1989.
- THOMPSON, E Paul. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.
- _____. **A formação da classe operária inglesa**. São Paulo. Companhia das letras. 1987.
- VALADARES, Lícia. Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil. In: BOSCHI, Renato R, (org.) **Corporativismo e Desigualdade**. Rio de Janeiro: Iuperj. 1991.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1981.
- WEHLING, Arno. **Formação do Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Nova fronteira. 1994.

Sites consultados:

IBGE: [HTTP://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=3422&z=cd&o=9&i=p](http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=3422&z=cd&o=9&i=p)
Acesso em 25/05/2012.

Fontes orais:

LOPES, Eugênio. **Depoimento cedido a Diana Almeida Soares Lopes**, na localidade: Tanque Velho município de São Braz, em dia 02 outubro de 2012.

ROCHA, José Dias. **Entrevista concedida a Diana Almeida Soares Lopes**, na localidade, Lagoa de Cima, município de São Braz, no mês de outubro de 2012.

RIBEIRO, Josilano Dias. **Entrevista concedida a Diana Almeida Soares Lopes**, na localidade Lagoa das Queimadas, município de São Braz do Piauí, no dia 14 de julho de 2012.

SOUZA, Manoel Jesus de. **Entrevista concedida a Diana Almeida Soares Lopes**, na localidade Lagoa Grande, no município de São Braz, no dia 14 de julho de 2012.

SILVA, José Neto da. **Entrevista concedida a Diana Almeida Soares Lopes**, na localidade, Lagoa das Queimadas, município de São Braz do Piauí, no dia 14 de julho de 2012.

SILVA, Josiano da. **Entrevista concedida a Diana Almeida Soares Lopes**, na localidade Lagoa Grande, município de São Braz do Piauí, no dia 13 de julho de 2012.

Recebido em: *05 de dezembro de 2012*

Aprovado em: *02 fevereiro de 2013*